

ARTIGO

*Janelas engolindo tempos, ventos  
arrebentando histórias*

UMA POESIA EM EBULIÇÃO  
NO BRASIL DITATORIAL  
(1978)

BEATRIZ DE MORAES VIEIRA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro | Rio de Janeiro | Brasil  
bea.vieira.trabalho@gmail.com  
orcid.org/0000-0002-5722-9880

Este artigo faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo que objetiva estudar a relação entre poesia, história e política, analisando produções poéticas escritas em momentos históricos cuja violência marca dolorosamente a experiência histórica e propicia a noção de excepcionalidade política. O foco aqui mira, especificamente, poemas escritos por Cynthia Dornelles na antologia intitulada *Ebulição da Escrivatura*, um pequeno livro lançado no Brasil em 1978, pela editora Civilização Brasileira, dentro da coleção Poesia Hoje, n.21. O texto destaca o fato de Dornelles ser a única voz feminina entre os autores e observa traços de sua dicção poética, sejam as figuras de linguagem mobilizadas, seja no que se refere à (estrita) participação política de mulheres e do movimento negro sob a ditadura militar então vigente no país (1964-1985). Em especial, exploram-se as imagens da janela e do vento em relação à experiência do tempo histórico, da contra-insurgência e do clamor a novas possibilidades historiográficas.

*excepcionalidade política—ditadura militar—poesia*

*A pesquisa geradora deste trabalho tem apoio do ProCiência UERJ, APQ1 FAPERJ e CICEF. Agradeço aos jovens historiadores Amy Jo Westthrop (mestranda CPDOC-FGV), Caio Affonso Leone (doutorando UFF) e Renato Lopes Pessanha (recém-doutor UNIRIO) pela coleta de dados, leitura atenta e sugestões. Sem sua valiosa contribuição este texto não teria sido viável.*

ARTICLE

*Windows swallowing times,  
winds breaking stories*  
AN EBULLIENT POETRY IN  
DICTATORIAL BRAZIL  
(1978)

BEATRIZ DE MORAES VIEIRA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro | Rio de Janeiro | Brasil  
bea.vieira.trabalho@gmail.com  
orcid.org/0000-0002-5722-9880

This article is part of a research project in which I aim to study the relationship between poetry, history, and politics, analyzing poetic productions written during historical moments whose violence painfully marks the historical experience and propitiates the notion of political exceptionality. The focus here is specifically on poems written by Cynthia Dornelles in the anthology entitled *Ebulição da Escrivatura*, a small book released in Brazil in 1978 by *Civilização Brasileira*, within the collection *Poesia Hoje*, n. 21. The text highlights the fact that Dornelles is the only female voice among the authors and observes traces of her poetics, be it the figures of speech she mobilizes, or the (strict) political participation of women and the black movement under the military dictatorship that dominated the country in those times (1964-1985). In particular, I explore the images of the window and the wind, in relation to the experience of historical time, counter-insurgency, and the clamor for new historiographical possibilities.

*political exceptionality—military dictatorship—poetry*

*por uma lâmina de lacunas – tudo é fresta  
desvão, onde nada pousa sua ausência;*

*onde ninguém, ode sem voz nem olhos,  
- um nulo lugar de não – aonde?*

(Armando Freitas Filho, “Antitexto”)

## EBULIÇÃO DA ESCRIVATURA

*Ebulição da Escrivatura* foi um pequeno livro lançado no Brasil em 1978, pela editora Civilização Brasileira, na coleção Poesia Hoje, n. 21. Muito pouco divulgado, reunindo “treze poetas impossíveis”, como diz o subtítulo, trazia a público poetas praticamente desconhecidos ou diletantes, menos ou mais ativos ou permanentes, de todo modo fora do cânon legitimador tanto da poesia consagrada no país, quanto da “poesia marginal” que se tornou *a posteriori* a poética marcante da época. Dos treze impossíveis<sup>1</sup>, não se encontram muitas informações biográficas ou profissionais. Continuaram na lida poética, juntamente com a militância no movimento negro, Ele Semog e Salgado Maranhão, sendo este último o organizador e autor do prefácio-mosqueteiro intitulado “Todos por um e um por todos”, no qual ao mesmo tempo louva e reclama – como de praxe na poesia marginal – da experimentação formalista anterior por haver de certo modo afastado outras poéticas, de corte mais existencial e político<sup>2</sup>, e apresenta as novas vozes que se formaram sob a ditadura instaurada no Brasil com o golpe de Estado de 1964, “sob o signo da repressão e embasados por uma carga emotiva muito forte” (Maranhão 1978, 10), mas sobretudo uma geração que teve que descobrir e trilhar sozinha os caminhos literários, pois não podia se reunir e formar movimentos coletivos de amplitude e repercussão. Contudo, disso teria surgido “uma poesia reflexiva e bastante consciente quanto ao uso da palavra”, atenta aos problemas sociais sem ser panfletária:

não há neste livro uma visão formal unificada, seja pelo próprio isolamento dos poetas, seja pelo processo de manufatura interna de cada um, que decorre de sua própria experiência individual e da maneira como esta absorve o real e o transforma em poesia. [...] A poesia do Grupo *Ebulição da Escrivatura* é, pois, a explosão de vários anos de sufoco e emoções acumuladas, sacudindo a própria repressão cultural e os cipós do formalismo, para se tornar *viva e intensa como a dor de um quisto*.  
(Maranhão 1978, 10, grifo nosso).

<sup>1</sup> Nomeadamente: Gil Sevalho, Salgado Maranhão, Tetê Catalão, Luis Carlos Mello, Mario Athayde, Jorge Claudir, Antonio Caos, Narciso Lobo, Cynthia Dornelles, Ele Semog, Paulo Valente, Joba Tridente, Sergio Varela. O desenho da capa é de Paulo Valente e a diagramação de Léa Caulliraux.

<sup>2</sup> Como era o caso do poeta Moacir Felix, que assina a orelha do livro, no qual observa poetas desiguais e diversos, líricos ou satíricos, “contidos em ritmos bem concertados ou explodindo em arremates inesperados, porém todos agrupados e girando em torno de um eixo comum, que é esta nossa vida, este nosso mundo cultural, este nosso país, esta nossa época”.

A temática da dor social, ou seja, do sofrimento cujas condições não residam em situações meramente individuais (se é que isto existe), mas em ingerências políticas, econômicas e culturais em largo espectro, configurando o que podemos chamar de uma experiência histórica dolorosa, não é das mais expostas no Brasil, cuja(s) cultura(s)<sup>3</sup> tem um de seus pilares na autoimagem estereotipada de alegria, hospitalidade, festividade... No entanto, a poesia escrita sob a ditadura traz o selo da dor, mostrando explicitamente um cotidiano lacerado, apesar de aquela “geração” viver os influxos da contracultura à brasileira, que, mesclando “sexo, drogas e roquenrol” com samba, praia, carnaval, futebol, conferiu-lhe a fama de “desbunde”, despolitização e alienação. Mas a dor de viver dentro de um quadro de violência de Estado – marcado por repressão, censura, prisão política, perseguição, exílio, tortura e assassinado de opositores do regime – tem sido crescentemente tratada nos estudos sobre a ditadura brasileira, embora nem sempre diretamente e ainda com muito a ser explorado. Um desses pontos é justamente a questão do sofrimento social – especialmente daqueles marcados pelo peso do racismo e do patriarcado estruturais –, desde o corpo violado, torturado, banido, desaparecido ou morto, até a manifestação artística, passando pela sexualidade, pelo direito ao testemunho, à cidadania, à reparação, à memória, à história...

### POESIA ATRE-VIDA DÓI NO FUNDO DA CABEÇA

Em *Ebulição da Escrivatura* há apenas uma poeta mulher. Cynthia Dorneles, formada em Ciências Sociais, com especialização em Antropologia, atualmente trabalha como shiatsu-terapeuta e dedica-se à escrita de livros, crônicas e contos<sup>4</sup>. Não estranha muito tal situação, uma vez que no campo literário brasileiro a voz da escritora mulher foi historicamente uma *presença-ausente*, ocupando um lugar “entre o esquecimento e a permanência”, pois dependente de diversas instâncias de legitimação marcadas pelas heranças patriarcais: das editoras ao sistema de ensino, passando pelos locais e canais de venda de livros, a crítica literária, as instituições governamentais<sup>5</sup> e os meios de comunicação, a inserção das mulheres no campo literário brasileiro sempre experimentou contínuas e difíceis negociações entre seus principais agentes (Leal 2008, 91-94). Entre as escritoras e poetisas brasileiras mais conhecidas – internacionalmente talvez ressoem mais os nomes de Clarice Lispector e Cecília Meireles – há uma miríade de outras a desvelar, mesmo no caso da poesia marginal nos anos 1970, na qual se destacou Ana Cristina Cesar.

<sup>3</sup> Para a ideia de uma cultura nacional plural, ver o ensaio de Alfredo Bosi, “Culturas Brasileiras”, no livro *Dialética da Colonização* (1992).

<sup>4</sup> Co-autora do livro *Zen Shiatsu*, participou também de algumas antologias poéticas. Seu último livro intitula-se *Os 1001 e-mails: Sberazade conta histórias eróticas para um marujo solitário*. O mais polêmico de seus trabalhos foi *A Amante Ideal*, com entrevistas e análises sobre a infidelidade conjugal. Para informações sobre Cynthia ver o site da Editora Record:

[http://www.record.com.br/autor\\_entrevista.asp?id\\_autor=2566&id\\_entrevista=114](http://www.record.com.br/autor_entrevista.asp?id_autor=2566&id_entrevista=114). Acesso em 14 fev. 2018, ou seu site (Dorneles, ©2020).

<sup>5</sup> No Brasil, cuja história traz o selo da escravidão, analfabetismo, desigualdade social de vários tipos e ausência de mercado editorial, os escritores depende(ram) das benesses do Estado. Com a industrialização e o mecenato da oligarquia paulista, consolida-se um sistema literário interno – uma dinâmica de retroalimentação de autor-obra-público, como mostra Antonio Candido (1984) – que todavia não pode dispensar as políticas culturais estatais. Cf. também a dissertação de Virgínia Leal (2008).

No livro *Ebulição...* há um segundo prólogo intitulado “Um de cada vez: porque fazer poesia hoje” (Varela, Maranhão *et al.* 1978), em que cada um dos treze poetas apresenta sua concepção do que seja poesia e sua própria poética – “faço poesia por indisciplina/diante da dor” diz Salgado Maranhão, ecoando o Manuel Bandeira de *Itinerário para Pasárgada* (“não faço poesia quando quero, mas quando ela, poesia quer”). Neste prólogo, Cynthia, à época com dezessete anos de idade, apresenta-se num lusco-fusco de afirmações e negações, verdades e mentiras ficcionais entremeadas:

Poderia estar aqui agora chorando que nem uma menina indefesa frente às tramoias da vida... Mas [...] Na minha história não há tempo pra choros. // O meu personagem se faz de bobo e aceita todas as sugestões – mas ele é terrível – é um desapaixonado. Não tem medo da vida nem da morte. Ele nunca afirma, sempre questiona, mas é deliciosamente preciso na sua ação. [...] Só o que lhe falta é mentir com mais tranquilidade. Poesia atrevida. (Dorneles 1978, 16).

O quanto são atrevidos os poemas apresentados pela poeta neste livro, reunidos sob o título de “O Difícil Caminho da Ironia Completa, ou Seja: A Ironia sem Graça”, é uma questão. O hífen artificialmente introduzido sugere somar o sentido de atrevimento à composição do prefixo *atre* – derivado do indo-europeu e do latim *alter*, envolvendo as noções conexas de “outro, além disso, mais além”; mas também “atro” como negro, escuro, funesto e lúgubre (em francês, o chão de uma lareira), bem como “átrio”, pátio, saguão ou espaço defeso – com a palavra “vida”. A analogia com “arte e vida”, permitida pelo movimento do anagrama (Torquato Neto já o havia feito, em um trabalho gráfico bastante divulgado à época<sup>6</sup>), era uma tônica daquela poética, que pela busca desta relação, entre arte e vida, arte e cotidiano, aproxima-se das intenções das vanguardas artísticas do início do século XX (Bürguer 2008) e, não podemos deixar de notar com o olhar aqui proposto, aproxima arte-vida e dor. Não sabemos se toda essa sugestividade foi pensada pela poeta, o que não diminui sua riqueza. No poema de abertura, se lê:

Quanto mais fundo vou q  
 mais medo eu tenho  
           negro  
 abismo sem fundo  
 [...]
 Sobre a poça de sangue  
 meus pés em fogo  
 Ando sem dar passos  
 Sou andarilha do aqui  
 Sou senhora do agora  
 Escrava do amanhã  
 Sou o que és:  
 Nada.

---

<sup>6</sup> Torquato, antes de seu impactante rompimento com o Tropicalismo e seu suicídio em 1972, mantinha uma coluna no jornal Última Hora, intitulada Geleia Geral. O jogo de palavras com a relação arte e vida encontra-se publicado no livro póstumo, *Os Últimos Dias de Paupéria* (1973).

As imagens de medo, abismo, sangue eram comuns na poesia marginal. A estas, a autora acrescenta a de imobilidade e niilismo, numa contraditória dinâmica em que o eu lírico se afirma – são recorrentes nos poemas os verbos “sou” e “vou” – e se nega, e em que há seiva pelo corpo, mas “Não há vida/Só movimento/Tanatos já feriu a existência”, configurando um caminhar sem passos, bem como um jogo emaranhado de assenhoramento do presente, submissão ao futuro e ausência de menção ao passado, que culmina no vazio do não-ser... Imagens análogas como uma “multidão que caminha para lugar nenhum” de outro poema, no qual também “eu mato o tempo e me descubro/na ponta de um espelho quebrado”, são contrabalançadas com uma paisagem tropical (“no meio do mato”) e carnavalesca (“fantasiados de fevereiro”), em que “navalhando o tédio” são buscadas as “promessas de todos os cheiros/que a multidão exala”, o que desfaz ou transfaz o que poderia ser uma atmosfera melancólica ou niilista. A tendência antitrágica da cultura brasileira em geral – malgrado o trágico possa ser buscado nas linhas subjacentes às produções modernistas hegemônicas (Finazzi-Agró e Vecchi 2004) – esfumaçam aqui o que um leitor europeu poderia sentir, por exemplo, como um toque beckettiano em construção, aliado a um tom levemente rabelaisiano, necessário para atender ao desejo de ironia que a poeta anuncia em suas escolhas formais ou teóricas.

Essa ironia, porém, mais do que da concepção clássica de antífrase, aproxima-se da leitura de Linda Hutcheon (2000) para tal figura de linguagem: trata-se menos de dizer o oposto do que mobilizar um processo semanticamente complexo de contrapor ideias e situações, diferenciar nuances dentro de um quadro compartilhado de significações por uma “comunidade discursiva”, com bagagem cultural comum que lhe possibilite captar as rápidas oscilações entre dois diferentes significados, em que conotação e denotação estão intrincados e a combinação de dito e não-dito possui uma margem de avaliação crítica. Ir sem ir, ser senhor e escravo do tempo com fusos trocados, compor um carnaval mais sem graça do que burlesco são imagens irônicas perante os estereótipos da cultura brasileira. A isto se acrescentam as contradições do sujeito-mulher em diálogo com as questões da existência, ser ou não ser, desdobrando-se nas relações de gênero: “Me cuspo e me abraço e me como e odeio/e me amo em meio ao teu olhar perdido”. O eu que voa livre ao mesmo tempo se contém, pois “sonho a tempo de frear na contra-mão”.

As utopias suspensas, porém, podem significar um comportamento ponderado tanto quanto uma ferida:  
 Dói no fundo da minha cabeça  
 qualquer coisa de justo e inevitável  
 como o brilho de um punhal  
 cravado na minha memória  
 E se cada veia cortada  
 tem o comprimento de minha história  
 menos o teu pouco caso  
 Fique certo  
 a mim só cabe explicar  
 Tenho um pouco de medo dos mastodontes  
 que têm livre acesso às bibliotecas.

Os versos desse poema sugerem uma força aguda e cortante, que se condensa na imagem de uma história pessoal cujo comprimento é de cada veia cortada... Uma interpretação pode ser feita na dupla chave do sujeito lírico histórico e feminino simultaneamente, isto é, uma dor e uma memória por uma história interrompida, conforme se vê em numerosos depoimentos e textos bibliográficos sobre a ditadura militar. Esta interrompeu duramente a efervescência política que existia no Brasil no período histórico anterior (1945-1964), conturbado politicamente, mas democrático, no qual havia a sensação de poder “tocar com o dedo a História” ou de que o país estava “irreconhecivelmente inteligente” – nas palavras do então presidente da UNE Jean Marc Van der Weid e do crítico literário Roberto Schwarz, respectivamente<sup>7</sup>.

Ao lado disso, de um prisma mais feminino talvez, tratava-se de uma dor e uma memória derivadas de condições de assujeitamento, invalidação, esquecimento e impedimento nos acessos ao saber instituído – como mostra a imagem “medo dos mastodontes/que têm livre acesso às bibliotecas” –, como foi a condição histórica de pessoas pobres, trabalhadoras ou desempregadas, escravizadas, mulheres, indígenas, negras, imigrantes, etc., conforme as diversas situações sócio-espaco-temporais: “sem ar/ homem e trapos/ irremediavelmente./ esquecidos”<sup>8</sup>. Para estes, como “subalternos”, “refugos do mundo” ou “párias” (Varikas, 2010), a violência ou grandiloquência dos “mastodontes” detentores de conhecimento e poder se contrapõe à dor aguda de um inevitável desejo de justiça, como um punhal cravado.

---

<sup>7</sup> Em outubro de 1968, o 30º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), realizado num sítio em Ibiúna, interior de São Paulo, para eleição da nova diretoria da entidade, foi invadido pela polícia, havendo a prisão de mais de 700 delegados. As principais lideranças foram levadas ao Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo (DOPS-SP) e, posteriormente, banidas do país. A UNE ficaria na clandestinidade por alguns anos. O presidente clandestinamente eleito, em abril de 1969, foi Jean Marc van der Weid, preso em setembro do mesmo ano e banido em 1971, em troca do embaixador suíço, Giovanni Bucher, também sequestrado (pela Vanguarda Popular Revolucionária-VPR). Para substituir Jean Marc, assume a presidência da entidade Honestino Guimarães, da Federação dos Estudantes de Brasília. Honestino foi preso e torturado mais de uma vez, e seu nome consta das listas de desaparecidos do Brasil. O depoimento de Jean Marc foi recolhido, junto com diversos outros, por Eloisa Buarque de Hollanda e Marcus Augusto Gonçalves (1982, 83-85). Schwarz apresenta essa expressão, já famosa, no ensaio “Cultura e Política 1964-1969” (1978, 69), no qual observa que os intelectuais estavam construindo uma ligação com as massas, e isto foi interrompido pela ditadura, sobretudo a partir do AI-5, em 1968. Há vários termos para nomear a “efervescência” pré-1964, como observa Marcelo Ridenti (1993, 152), nomeando-a de “agitação e florescimento cultural e político”.

<sup>8</sup> Para a relação entre os diversos “excluídos” da ordem do conhecimento, ou incluídos pelo avesso, de que fala Eleni Varikas (2010), ver também Sanna, M. & Varikas, E. (2011). Em relação a isto, cabe frisar que as presentes reflexões são inspiradas pela ideia de “não-conceito” de Adorno, segundo a qual a construção de conceitos e conhecimento deve partir da concretude dolorosa do mundo: “A necessidade de dar voz ao sofrimento é condição de toda verdade. Pois sofrimento é objetividade que pesa sobre o sujeito; aquilo que ele experimenta como seu elemento mais subjetivo, sua expressão, é objetivamente mediado” (2009, p.24).

Indo além da tendência ao anti-intelectualismo que caracterizou aquela geração (Vieira 2017), trata-se também de uma memória que teima em incomodar a(s) historiografia(s) oficial(is) para dizer que outros conhecimentos e enredos teriam sido e são possíveis, para mostrar que outros projetos de vida social, outras organizações políticas e econômicas de grupos e nações eram imagináveis e factíveis mas foram derrotadas, que outras temporalidades existiram – e podem voltar a existir – que não o tempo monótono e aparentemente neutro das vidas humanas subsumidas na produção de mercadorias e consumidas para alimentar a lógica do capital (Benjamin 2005)...

### TEMPOS ENGOLIDOS, HISTÓRIAS ARREBENTADAS...

Diversos poemas de Cynthia aproximam-se dessa questão do tempo, como neste a seguir:

Janelas engolindo tempos  
 ventos arrebentando histórias  
 meninas acendendo velas  
     incendiárias  
 os homens navegam  
     sem rumo  
 as vontades traçam no escuro  
     grandes acontecimentos  
 e muitas repostas por achar  
 talvez porque eu ache com certeza que  
 o que me dá prazer  
                                     é saber  
   você,  
   mariposa negra,  
 sempre mais borboleta do que nunca.

Ao lado da imagem dos tempos engolidos por janelas de ver o mundo, à qual retornaremos, o jogo contraditório-temporal efetuado entre os advérbios “sempre mais... do que nunca” parece pôr o tempo em desenho prismático e permite abrir a interpretação para camadas históricas diversas: movimentos mais rápidos e contextuais de curta duração, como o Brasil ditatorial, entrecruzados com movimentos de longa duração, quase imóveis e “universais”, como dizia Fernand Braudel (1992), marcados pelas estruturas profundas, pelas tradições e pelos mitos. Assim, podemos conceber a ideia de que histórias são propiciadas por ventos – que levam os homens ignavos a se perderem na vastidão e escuridão da existência, desde onde fazem e vivem os acontecimentos históricos sem clara consciência, enquanto as meninas acendem velas com potencial (auto)incendiário...

*Mariposas negras*

No livro *Ebulição da Escrivatura*, a presença de alguns poetas-homens negros e de uma poeta-mulher não deixa de revelar um esforço de abrir espaços no seio dos meios sociais e literários dominantes. O jogo fonético-semântico produzidos pelas inversões nas letras das palavras que compõem o título – evidentemente uma provocação à “abolição da escravatura” – mostra a preocupação dos “treze impossíveis” em buscar uma via possível para sua voz e sua escrita poética, o que não significava apenas uma rebeldia com o teor “formalista” do concretismo brasileiro, mas certamente um desejo sub-versivo politicamente de discutir o racismo e o machismo vigentes nas vias e veias literárias. Em outros termos, discutir a existência de formas superpostas de dominação: seja no acesso à escrita, numa sociedade historicamente marcada pelo analfabetismo, especialmente da população pobre e negra, como herança da escravidão e das dificuldades de disseminação do Iluminismo na América Latina (Candido, 2002); seja no processo de produção e circulação de livros, o que tornou “marginal” aquela poesia que por anos buscou meios outros que não as gráficas e editoras reconhecidas, recorrendo ao mimeógrafo, aos libretos artesanais, à venda de mão-em-mão e divulgação boca-a-boca<sup>9</sup>; seja ainda pelo não-reconhecimento por parte da crítica especializada, refletindo-se na exclusão das coleções de prestígio, ou do “efeito canonizante” dos prefácios e traduções, o que redundava no não-acesso à República das Letras. Esta, como nota Pascale Casanova (2002), é regida por rivalidades, disputas e desigualdades, onde as próprias línguas ocupam posições hierárquicas, derivadas dos diversos processos históricos de colonização, resultando em um mundo onde a linguagem se tornou um instrumento de poder, ou seja, há relações de poder que governam o valor, a forma e a circulação dos textos escritos, formas de dominação especificamente literárias, como as autoridades consagradas e os decretos críticos, mas cujos (des)equilíbrios são disfarçadamente marcados pelos padrões de dominação política e social vigentes dentro de cada nação e entre elas<sup>10</sup>.

Assim sendo, compreende-se que a escravidão e o patriarcado, como rebentos históricos da colonização portuguesa no Brasil, sejam ainda hoje um nó górdio na cultura brasileira. Não cabe nos limites deste texto analisar a situação da escravidão em seu cerne, o que significou em termos de modo de organização do trabalho e da vida ao longo de quase quatrocentos anos, seus efeitos posteriores sobre as relações sociais, a literatura e os debates historiográficos. Vale ressaltar, porém, que ao longo da década de 1970 as reuniões do movimento negro tornaram-se vigiadas pelo Serviço Nacional de Inteligência (SNI) e em 1978 ocorria o que ficou conhecido como “a refundação do movimento negro no Brasil” nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo: o ato do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR) apresentava “a forma de protesto social que o movimento negro no Brasil assumiria doravante, tomando os espaços públicos abertos como palco

---

<sup>9</sup> Apenas no final da década as editoras de algum renome, com afinidades políticas democratizantes, nacionalistas ou socialistas, de todo modo antiditatoriais, passaram a editar a poesia marginal. É o caso deste livro, editado pela Civilização Brasileira. Tal situação gerou um vasto debate crítico acerca do papel da indústria cultural no país. Há no Brasil vários estudos aprofundados sobre a atuação editorial no período. Ver, p.ex., a tese de Andrea Galucio (2009) e também os trabalhos já consagrados de Heloisa Buarque de Holanda (2004) e Flora Sussekind (2004).

<sup>10</sup> É significativo que mesmo no livro de Casanova não haja mulheres entre os autores estudados...

privilegiado de manifestações” (Rios 2012, 2). Seguiram-se a Marchas do Centenário da Abolição (1988), a Marcha do Tricentenário de Zumbi (1995) e as anuais Marchas Noturnas pela Democracia Racial (1997-2010), entre outras manifestações<sup>11</sup>. Os debates sobre o racismo no Brasil destacam o maior ou menor peso dos efeitos da escravidão ou do capitalismo, mas há consenso quanto ao obstáculo representado pela hegemonia da ideia de “democracia racial na cultura brasileira”, atuando como elemento desmobilizador das massas e trazendo para os ativistas negros problemas que não se restringiam ao campo econômico e político, mas, sobretudo, ao cultural (Rios 2012). E tensionando o movimento negro por dentro, os movimentos de mulheres a denunciar práticas machistas, as desigualdades e a violência sofrida pelas “pretas” em famílias e experiências históricas de todas as cores.

Neste quadro, salta aos olhos a Marcha contra Farsa do Centenário da Abolição, realizada no Centro do Rio de Janeiro, em 1988, havendo sofrido repressão policial. A noção de farsa comportava a crítica às comemorações oficiais – que se realizavam agora em novo contexto, no governo do Presidente José Sarney, civil mas herdeiro das práticas políticas da ditadura militar, em momento de “transição democrática” e renovados ânimos, quando dos trabalhos da Constituinte e da promulgação da “Constituição Cidadã” de 1988 –, e em última instância significava uma denúncia subjacente à irrealização de processos emancipatórios efetivos<sup>12</sup>.

Negros, mulheres e pessoas pobres precisa(va)m continuar lutando por equanimidade e emancipação, por abolir escravidões e ebulir escrituras. No sentido metafórico e trágico aqui tratado, todas, todos e todes mariposas negras, em potencial vozes “femininas” a tensionar os ventos das violências – sejam as guerras e seus horrores, sejam as hierarquias opressoras, as desigualdades políticas, os corpos violados e sofridos pelo desrespeito no sexo e no trabalho – em prol de outras formas de pensar, de constituir valor, de construir o mundo... A instabilidade de uma conceituação precisa sobre o feminino e o significado sempre reinventado da desigualdade dos sexos ocultou, ao longo da história da filosofia e da historiografia, tanto “a lógica da liberdade sem limites de se auto-instituir” quanto o medo da indistinção social, que borraria as fronteiras entre os gêneros e, com isso, as posições e instituições hierárquicas da lógica patriarcal. O feminino<sup>13</sup>, neste sentido, seria tudo aquilo que se auto-institui a partir da “contestação do sentido e das fronteiras do político”, o que exige “a partilha da palavra, a transformação do monólogo secular em diálogo plural – diálogo de diferentes, de todos os diferentes”, numa dimensão polifônica que incorpora o risco da cacofonia e da “indecidibilidade” (Collin *et al.*, 24-25), mas, juntamente, o risco de novos horizontes.

<sup>11</sup> Ver, por exemplo, o trabalho mais recente de Lucas Pedretti (2022).

<sup>12</sup> A ideia de farsa também remete ao caráter não emancipatório da abolição, conforme se vê na vasta discussão sociológica e historiográfica sobre os desdobramentos da escravidão, a exclusão social dos ex-escravizados e o racismo, incluindo o fato de a Lei Áurea ter sido assinada por uma representante da monarquia escravista, quando a maior parte dos escravos já havia fugido, formado quilombos ou sido alforriada (Albuquerque 2009).

<sup>13</sup> Ampliamos aqui, para uma noção de “feminino”, o que Collin *et al.* (2000) dizem para a mulher. Para considerações sobre a auto-instituição do feminino na longuíssima duração, remetendo ao mito grego de Ifigênia, ver Vicira (2019).

*Janelas para (outros) tempos*

A imagem de janelas de ver o mundo, desde um ponto de vista recolhido ou passivo foi comum na poesia marginal dos anos 1970, como nestes versos exemplares de Francisco Alvim, no poema “Com Ansiedade”: “Quem tem janelas/que fique a espiar o mundo” (*apud* Vieira 2017, 228-229). Todavia, trata-se de outra dinâmica no poema de Cynthia Dorneles, pois as janelas se abrem para uma situação de instabilidade, risco: tempos engolidos e ventos arrasadores de histórias indicam movimentos de perdas e destruição – talvez, numa chave dialética, de renovações e reconstruções, mas de todo modo, de *suspensão* de padrões anteriores. A questão é espinhosa, porém, e envolve disjunções vivenciais e teóricas na experiência histórica. Entre as diversas possibilidades de abordar a questão desse “tempo engolido”, a metáfora que relaciona tempo e vento mostra-se bastante significativa por apontar simultaneamente a dinâmica histórica – não há história sem movimento, já dizia Hegel, dentre tantos – e uma interrupção e redirecionamento dos processos culturais e políticos anteriores ao golpe de 1964 que, como já observado, caracterizou a dicção poética daquele grupo. Nessa disjunção entre movimento e interrupção, a metáfora vem a desvelar uma condição especial, que participa do que podemos chamar de uma “condição intervalar” (Vieira 2017, 244).

Assim, por um lado, a escrita de Cynthia traz uma sensação de imobilidade, no limite niilismo, um caminhar sem passos, um assenhoreamento do presente, uma submissão ao futuro, por vezes sequer mencionado paradoxalmente, culminando em alguns poemas no vazio de não ser. Neste trecho específico, “janelas engolindo tempos, ventos arrebatando histórias”, as janelas não parecem abrir-se para fora, o tempo está sendo sugado, contraído, talvez até rebobinado, é engolido. Ventos que arrebatam histórias individuais e coletivas entram pelas janelas e suspendem (provisoriamente) as vidas em seu curso ordinário. Introduce-se então, uma dimensão de extraordinário, surpreendente diante do que se vivia como normalidade, ainda que agitada, apontando para a situação de excepcionalidade política vivida, em nome da ordem, do progresso, da modernização conservadora e corrupta (Campos 2022a; 2022b) que os governos ditatoriais levavam a cabo. Não o vento da desordem revolucionária, que instalaria a exceção necessária à transformação do velho mundo em um novo em chave igualitária e libertária, mas justamente o contrário, o vento da contra-insurgência, do controle da mencionada efervescência e repressão, por parte dos governos ditatoriais, sobre tudo que pudesse significar uma movimentação transformadora no sentido das esquerdas políticas, instalando desde o controle sobre a palavra mediante a censura, até as operações militares que massacraram os focos de luta armada no país.

A própria disputa então travada em torno dos termos “revolução” e “democracia” comporta também indícios dessa situação de ventos que arrebatam e obrigam a deglutição do tempo: como bem mostra Ridenti (1993), tais palavras eram usadas nos documentos governamentais (vide os preâmbulos dos primeiros Atos Institucionais, por exemplo) e pelos intelectuais adeptos ao golpe e à ditadura como forma de angariar a legitimidade de um processo econômico-político valorizado no imaginário das gentes desde a Revolução Francesa, crescendo-se com a Revolução Russa e, na América Latina, com a Revolução Cubana. Fosse liberal radical, jacobina, comunista ou anti-capitalista, uma dinâmica realmente revolucionária significava o inverso do que o golpe militar colocou em curso, com apoio das classes dominantes, do empresariado

nacional e do governo estadunidense. Ainda que alguns grupos de esquerda (e não eram todos) pudessem então pensar na tão mal falada e mal compreendida “ditadura do proletariado”, esta jamais significaria a manutenção do *status quo* burguês, a modernização em moldes capitalistas sem qualquer distribuição de propriedade e a ordem política de teor positivista. Estava em jogo, portanto, um processo de *perversão de sentidos*, mobilizado pela propaganda oficial que se veiculava nos sistemas de rádio e televisão, nos documentos oficiais, nos textos jurídicos, nos discursos presidenciais, conformando um campo de palavras minadas e linguagem ferida (Vieira 2017, 105-121). Nesse campo, a literatura buscou reagir com a ideia de “guerrilha de linguagem” formulada pelo poeta Paulo Leminski, baseada em humor e formas linguísticas “explodidas”, com misturas de gêneros literários, coloquialidade e retomada do poema-piada de Oswald de Andrade e a cotidianidade de Manuel Bandeira. Mas a isso se mesclavam sentimentos de desistência, medo e impotência, resultando em uma “*poética intervalar, lacunar*, em que a voz alternadamente se elide e se positiva, sendo esta sua forma específica de reação à crise da linguagem.” (Vieira 2017, 118), como nos desvelam os versos de Armando Freitas Filho em epígrafe.

Algo semelhante ocorre com a experiência do tempo histórico, segundo aquela poética. O tempo e a linguagem sobre ele também fazem parte das disputas políticas nas ventanias revolucionárias, conforme se depreende dos diversos calendários construídos durante a paradigmática Revolução Francesa, em que a instalação de novos medidores temporais era simbolicamente necessária para a possível construção de um novo “homem” e novo tempo histórico na e da nação. Desse modo, configura-se um momento de “suspensão do tempo”, diz Sanja Perovic, não apenas por existir um antes e um depois, mas porque na própria busca e oficialização de marcos instala-se uma brecha entre o tempo da cronologia e o tempo dos eventos:

A new chronology that had been imagined as belonging to the homogeneous time of measure now revealed its phenomenological and political side. This included conflicting perceptions of the duration and meaning of revolutionary events and as well the entirely new problems of lag times.<sup>14</sup>  
(Perovic 2013, 95)

Mais do que isso, porém, continua a autora, se o calendário republicano da Revolução Francesa veio a falhar na instituição da proposta revolucionária de uma ruptura com o passado, por outro lado foi bem-sucedido em estabelecer a Revolução como águas divisórias com o Antigo Regime: “A chronological timeline that began as an attempt to institute a new measure thus became instead an essential part of a historical *narrative* about modernity.”<sup>15</sup> (Perovic 2013, 99). Assim, na (des)ordem revolucionária, o tempo suspenso relaciona-se também às práticas e representações da modernidade. No caso brasileiro, é consabido, porém, que ao longo da história nacional as diversas rodadas de modernização realizaram-se sem transformações revolucionárias profundas, cujas tentativas

<sup>14</sup> “Uma nova cronologia, imaginada como pertencente ao tempo homogêneo da medida/mensuração, agora revelava seu lado fenomenológico e político. Isso incluiu percepções conflitantes acerca da duração e do significado dos eventos revolucionários, bem como problemas inteiramente novos relativos a lacunas/disjunções temporais.” (tradução livre).

<sup>15</sup> “Uma linha do tempo cronológica que começou como uma tentativa para instituir uma nova medida temporal tornou-se, assim, parte essencial de uma *narrativa* histórica sobre a modernidade”. (tradução livre)

foram violenta e arrasadoramente extirpadas pelas forças sociais dominantes, de onde as análises sociológicas e historiográficas no país usarem os termos, vale repetir, “modernização conservadora”, via “prussiana de modernização” de cima para baixo, e, ainda melhor, uma lógica “desigual e combinada” em que os setores ditos atrasados da economia obrigatoriamente existem e continuarão a existir para retroalimentar os setores modernizantes (Mendonça 1986; Schwarz 2022). Logo, o que se vê no Brasil é novamente uma lógica truncada, inversa ou perversa, em que a suspensão do tempo não remete à revolução, mas à contra-revolução (e contudo, se havia intenções propriamente revolucionárias no período pré-1964 é também todo um debate a fazer). Tratava-se de uma *suspensão da suspensão temporal*, um vento ao revés da efervescência insurgente, ao revés das lutas por espaços-tempos mais civilizatórios e emancipadores, um vento tão arrasador que fez os sujeitos históricos engolirem o tempo da possibilidade de renovação e aceitarem – ou em certa medida serem obrigados a – o apagamento da memória das lutas sociais e políticas, em especial no período imediatamente anterior ao golpe (Arantes 2014).

Podemos, assim, incluir essa experiência temporal na “condição intervalar” que caracterizava aquela experiência histórica e que se manifestava de numerosas formas na movimentação da poesia marginal nos anos 1970, da linguagem ao comportamento, das ingerências socioeconômicas às viagens psicodélicas, do pé na terra dura à cabeça na lua recém pisada pelos astronautas. Entre a condição moderna e a pós-moderna, como diz Heloisa Buarque de Holanda (2007, 262-263)<sup>16</sup>, aquela poética se construía no entrelugar, no meio do corte e da ferida:

É assim que as imagens poéticas entretecem humor e angústia; o tempo da espera e da pressa, da ação e da passividade; o falar e o calar; o silêncio imposto, o escolhido e o necessário; as pulsões de vida e de morte; experiência individual e coletiva; medo e ousadia; crença e desconfiança no progresso nacional e no papel dos meios de comunicação de massa; desilusão e esperança nas relações humanas; interesse econômico e gratuidade estética; trauma e desrespeito de elementos culturais; esquecimento e memória. (Vieira 2017, 263)

Para retomarmos a metáfora de janela e vento mobilizada por Cynthia Dornelles, podemos perceber que a condição intervalar é análoga ao próprio lugar da janela, umbral entre o dentro e o fora, o rasgo na parede por onde entram os ventos e saem olhares e desejos, o ponto ótico da perspectiva de uma casa. Neste sentido, se o vento traz para dentro a dor e a crise dada uma promissora experiência histórica interrompida – ou mesmo a dor diante de uma crise civilizacional que se anunciou durante a ditadura militar e que no presente em que escrevemos retorna com toda violência, em sua condição de barbárie (Menegat 2014; 2020) – cabe lembrar dos *Combates pela História* de Lucien Febvre, que intitulou “Contra o Vento” o manifesto dos novos Annales em 1946<sup>17</sup>. “Não temos mais tempo, não temos mais o direito”, disse ele, de manter a história e a historiografia tal como antes, após os horrores da Grande Guerra e a crise civilizacional que ela significou. Após a “deglutição mútua de civilizações” –

<sup>16</sup> Vale ressaltar que, segundo a intelectual argentina Leonor Arfuch (2010), a pós-modernidade só teria se instalado na América Latina, ao menos no Cone Sul, após as ditaduras militares que assolaram a região.

<sup>17</sup> Devo a Amy Westthrop e ao texto de Hartog, no livro *Breaking up time* (2013, p. 132.), organizado por Lorenz e Bervenage, essa lembrança da imagem do vento no trabalho de Lucien Febvre.

engolir tempos não é pouca coisa, como intuiu nossa poeta em seus versos – havia (há) urgência para a historiografia transformar-se também, deixar de ser automática e tornar-se flexível e problematizadora, tornar-se “a que compreende e faz compreender” e “sem a qual nada se faz de sólido”, porque “o problema não é saber se nossa civilização vai perecer assassinada. É saber qual civilização haverá de se estabelecer amanhã [...] Pois *uma* civilização pode morrer. *A* civilização não morre.” (Febvre 2011, 75-84 passim).

## PARA QUASE CONCLUIR: UM CONTRA-VENTO

Propomos que a imagem das meninas que carregam velas incendiárias, contraposta no poema de Cynthia aos homens que navegam sem rumo, possa ser interpretada como um potencial de combate pela história, no mais amplo sentido do termo, mas de todo modo uma função urgente e civilizatória que o conhecimento histórico tem diante de si:

Three years later, in an article significantly titled ‘Towards another History,’ which constitutes a sort of passing of the baton between him and Braudel, Febvre reiterates the necessity for an opening up toward the world and the future, pleading for a history that does not allow the past to crush us, but rather organizes it ‘to prevent it from weighing too much on the shoulders’ of the living. ‘Forgetting is a necessity for groups, for societies that want to live.’ The future is here, it is knocking at the window; facing it requires a survival operation, which is also the only way to (re)endow the practice of history with meaning.<sup>18</sup> (Hartog 2013, 132)

Ainda que o contexto de Lucien Febvre seja diverso do nosso presente, há pontos de convergência, infelizmente, no que se refere à experiência histórica dolorosa de um mundo em devastadora crise econômica, social, ético-política, diante da qual a(s) teoria(s) e historiografia(s) têm um vasto desafio a enfrentar. Do patriarcado ao racismo estrutural, as bases do capitalismo que os engendra e deles se nutre precisam ser incendiadas, com a intenção de que homens e mulheres de todos os gêneros, cores, peles e amores encontrem algum bom rumo, no Brasil e no mundo. Consiste também em um grande desafio o problema da organização social da memória e do esquecimento, que faria parte do projeto do que se convencionou chamar de Justiça de Transição, a qual foi incipientemente implantada no país entre os anos 2002 e 2016 (correspondendo aos esforços, ainda que falhos, dos governos do Partido dos Trabalhadores) e que vem sendo propositalmente destruída a partir do novo golpe de Estado de 2016 e do governo Bolsonaro. Um novo vento arrasador vem abalando o Brasil desde então, exigindo dos lúcidos os mais fortes contra-ventos e as mais duras lutas por abolições.

---

<sup>18</sup> Em tradução livre: “Três anos depois, num artigo significativamente intitulado “Para uma outra história”, o qual constituiu uma espécie de passagem de bastão entre ele e Braudel, Febvre reitera a necessidade de uma abertura ao mundo e ao futuro, pleiteando uma história que não permite que o passado nos esmague, mas sim o organiza ‘para evitar que pese demais nos ombros’ dos vivos. ‘Esquecer é uma necessidade para grupos, para sociedades que querem viver.’ O futuro está aqui, está batendo à janela; enfrentá-lo exige uma operação de sobrevivência, que é também a única forma de (re)dotar de sentido a prática da história.”

É neste sentido que propomos pensar aqui um aspecto da relação entre poder e violência que o *Ebulição da Escrivatura* ilumina: o desvio, a ex-centricidade e o potencial de des-condicionamento e renovação que se engendra no gesto de abolir qualquer forma de escravidão e, juntamente, as prisões que violentam as possibilidades de escrita, de poesia e de conhecimento. Em direção a possibilidades históricas e historiográficas outras.

Isso evidentemente exige novas relações sociais e cognitivas, as quais, entretanto, não são absolutamente diretas nem podem ser tratadas sem muitas mediações, para não cairmos em esquemas mecânicos e conservadores. Antes, o que se quer é a poética atre-vida e sub-versiva, que oferece à arte-vida a potência das verdadeiras emancipações, dos reinos em que mariposas negras são quase sempre mais que nunca borboletas. Sem punhal na memória. Sem veias cortadas na história. Outras lógicas, outras experiências históricas, ventos outros.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. “Introdução”. In: ADORNO, Theodor. *Dialética Negativa*. São Paulo: EDUNESP, 2009.
- ALBUQUERQUE, W. R. *O jogo da dissimulação – abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ARANTES, Paulo. “1964”. In: *O novo tempo do mundo*. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ARFUCHS, Leonor. *O Espaço Biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Trad. George Bernard Sperber. 2.ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de História. In: LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio, uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais: a longa duração. In: BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BÜRGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- CAMPOS, Pedro H. P. *Estranhas Catedrais: as empreiteiras brasileiras e a ditadura civil-militar, 1964-1988*. 2. ed. Niterói: Eduff, 2022
- CAMPOS, Pedro H. P. *O Voo do Ícaro: a internacionalização das construtoras brasileiras durante a ditadura empresarial-militar (1968-1988)*. 1. ed. Jundiaí: Paco, 2022.
- CANDIDO, Antonio. *A formação da literatura brasileira*. 17.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- CANDIDO, Antônio. Perversão da Aufklärung. In: CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. Seleção e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades, Ed.34, p. 320-332, 2002.
- CASANOVA, Pascale. *A República mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- COLLIN, F.; PISIER, E.; VARIKAS, E. *Les femmes de Platon à Derrida*. Antologie critique. Paris: Plon, 2000.
- DOERRIES, B. Learning through suffering. In: DOERRIES, B. *The Theater of War: what Ancient Greek Tragedies can teach us today*. New York: Alfred A. Knopf, 2015, p. 9-56.
- DORNELES, Cynthia. Confissões. *Cynthia Dorneles*, ©2020. Disponível em: <https://cynthiadorneles.com/bio>. Acesso em: 14 set. 2022.

- FEBVRE, Lucien. Contra o vento: manifesto dos novos Annales. In: NOVAIS, Fernando A; SILVA, Rogério F. (Orgs.). *Nova história em perspectiva*: Propostas e desdobramentos (v. 1). São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 75-84.
- FINAZZI-AGRÒ, E. e VECCHI, R. (Orgs.). *Formas e mediações do trágico moderno, uma leitura do Brasil*. São Paulo: Unimarco, 2004.
- GALUCIO, Andreia L. X. *Civilização Brasileira e Brasiliense*: trajetórias editoriais, empresários e militância política. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História. Niterói: UFF, 2009.
- GINZBURG, Carlo. De A. Warburg a E. H. Gombrich: notas sobre um problema de método. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*: morfologia e história. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- HARTOG, François. The Modern Régime of Historicity in the Face of Two World Wars. In: LORENZ, Chris, BEVERNAGE, Berber (eds.). *Breaking up Time*: Negotiating the Borders between Present, Past and Future. Götingen: Vanderhoeck & Ruprecht, 2013, p. 124-133.
- HOLLANDA, H. B. *Impressões de Viagem*: CPC, vanguarda e desbunde 1960/70. 4.ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.
- HOLLANDA, Heloisa B (org.). *26 poetas boje*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque e GONÇALVES, Marcus Augusto. *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Tudo é história, 41).
- HUTCHEON, L. *Teoria e política da ironia*. Trad. Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- LEAL, V. M. V. *As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro*: uma relação de gênero. Tese em Literatura. Departamento de Teoria Literária e Literaturas. Brasília: UNB, 2008.
- MARANHÃO, Salgado. Todos por um e um por todos. In: VARELA, Sérgio Natureza et al. *Ebulição da Escrivatura*: treze poetas impossíveis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- MENDONÇA, Sonia Regina. *Estado e economia no Brasil*: opções de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- MENEGAT, Marildo. A gestão da barbárie no colapso da civilização. In: SOUTO, Caio. *Conversações filosóficas*. 3/10/2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=0n9qoLVQ\\_e0](https://www.youtube.com/watch?v=0n9qoLVQ_e0). Acesso: 24 jan. 2022.
- MENEGAT, Marildo. Prefácio: Um intelectual diante da barbárie. In: ARANTES, Paulo. *O Novo Tempo do Mundo* [recurso eletrônico]: e outros estudos sobre a era das emergências. São Paulo: Boitempo, 2014, s/p.
- NETO, Torquato. *Os Últimos Dias de Paupéria*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1973.
- PEDRETTI, Lucas. *Dançando na mira da ditadura*: bailes soul e violência contra a população negra nos anos 1970. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2022.
- PEROVIC, Sanja. Year 1 and Year 61 of the French Revolution: The Revolutionary Calendar and Auguste Comte. In: LORENZ, Chris, BEVERNAGE, Berber (eds.). *Breaking up Time*: Negotiating the Borders between Present, Past and Future. Götingen: Vanderhoeck & Ruprecht, 2013, p. 87-108.
- RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: UNESP, 1993.
- RIOS, F. O protesto negro no Brasil contemporâneo (1978-2010)”. *Lua Nova*, São Paulo, n. 85, p. 41-79, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452012000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452012000100003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 01 mar. 2018.
- SANNA, M. & VARIKAS, E. Genre, modernité et ‘colonialité’ du pouvoir: penser ensemble des subalternités dissonantes: Introduction. *Cahiers du Genre*, v.50, n.1, p. 5-15, 2011. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-cahiers-du-genre-2011-1-page-5.htm>. Acesso em: 14 set. 2022.

- SCHWARZ, Roberto. Cultura e Política, 1964-1969. In: SCHWARZ, Roberto. *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 61-92.
- SCHWARZ, Roberto. Tese de Trótski transforma visão de países periféricos como quintal do mundo. *Folha de São Paulo*, 30 jul. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/07/tese-de-trotski-transforma-visao-de-paises-perifericos-como-quintal-do-mundo.shtml>. Acesso em: 14 set. 2022.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez, 1990.
- SUSSEKIND, F. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos*. 2.ed. revista. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- VARELA, Sérgio Natureza et al. *Ebulição da Escrivatura: treze poetas impossíveis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- VARIKAS, Eleni. Os refugos do mundo: figuras do pária. *Estudos Avançados*, v.24, n.69, p.31-60, 2010. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142010000200003>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- VIEIRA, Beatriz. *A palavra perplexa: experiência histórica e poesia no Brasil dos anos 1970*. 2ed. São Paulo: Hucitec, 2017.
- VIEIRA, Beatriz. Chaque veine coupée – Ebulição da Escrivatura, la voix féminine et la théorie de l’histoire : un essai sur la poésie et l’histoire sous la dictature brésilienne (1978). *Plural Pluriel*, (20), p. 82-103, 2019. Disponível em: <https://www.pluralpluriel.org/index.php/revue/article/view/199>. Acesso em: 14 set. 2022.

*Janelas engolindo tempos, ventos arrebatando histórias  
uma Poesia em Ebulição no Brasil Ditatorial (1978)*  
Artigo recebido em 15/09/2022 • Aceito em 14/11/2022  
DOI | [doi.org/10.5216/rth.v25i2.74062](https://doi.org/10.5216/rth.v25i2.74062)  
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado